



As condições das habitações são as piores possíveis e muitos moradores têm que levar água em latões na cabeça

Criado com o objetivo de atender a famílias desabrigadas, o Programa Emergencial para Famílias Desabrigadas — Profades — já distribuiu cerca de 5 mil lotes no bairro de Itanhenga, em Cariacica. Contudo, diariamente chegam ao local mais e mais famílias na esperança de obter um pequeno pedaço de chão onde possam morar sem precisar pagar aluguel.

O Programa, que tinha por objetivo acabar com problemas sociais como a subabitação, a falta de moradia e as invasões, acabou gerando outro: o da migração interna, já que inúmeras famílias localizadas no interior do Estado e mesmo de regiões fronteiriças da Bahia e Minas Gerais, sabendo da distribuição de lotes, acorreram a Itanhenga.

PROFADES



Em Itanhenga, o

programa gera mais

problemas do que soluções

Nilo De Mingo

A primeira vista, o bairro de Itanhenga, também conhecido como Nova Rosa da Penha, não difere em quase nada das invasões que têm se verificado nos últimos anos na Grande Vitória. A diferença consiste na existência de um centro comunitário, de uma creche, de uma escola, de torneiras públicas, de quadras relativamente bem demarcadas, da existência de postes para a colocação de iluminação pública e pelo fato de parte dos lotes já distribuídos possuírem água encanada.

Apesar de tudo isso, as condições de habitação ainda são muito precárias. Em Itanhenga, podem ser encontrados todos os tipos de habitações. Desde uma modesta casa feita com lajotas sobre uma laje de concreto, até um mísero casebre feito de barro, sem as mínimas condições de habitabilidade para um ser humano. O aspecto sanitário também é outro problema. Não há redes de esgotos e, para fazer frente ao problema, os moradores se valem das fossas, muitas das quais construídas fora dos padrões técnicos e abertas próximas a poços escavados para a obtenção de água, o que evidentemente, coloca em risco a qualidade dessa mesma água e, por consequência, a saúde daqueles que dela se utilizam.

O Profades foi desenvolvido com o apoio do Ministério do Interior, do Banco Nacional da Habitação, da Secretaria de Bem-Estar Social, da Cohab-ES e da Ceshes. O Programa será desenvolvido em duas etapas, que compreenderão ao todo a doação de 10 mil lotes a famílias desabrigadas e sem condições de pagarem aluguel ou a menor prestação de casas da Cohab. A primeira etapa foi entregue oficialmente no dia 20 de fevereiro pelo governador Eurico Rezende e demais autoridades ligadas ao setor.

Contudo, a forma como foi feita a entrega, segundo técnicos da Secretaria de Bem-Estar Social, acabou desvirtuando o programa, já que apenas parte da primeira etapa estava concluída. O correto, segundo os técnicos, seria a entrega parcelada dos lotes assim que as quadras fossem

sendo entregues pela Cohab-ES, o que não aconteceu. Hoje, em Itanhenga, o que se vê é praticamente toda a primeira etapa ocupada. Quadras que já dispõem de água encanada, meio-fio e ruas pavimentadas com pó de pedra e quadras sem nada disso já estão ocupadas. Os 5 mil lotes dessa etapa já têm donos, embora nem todos ainda tenham se estabelecido no bairro. As estimativas são de que 3.500 famílias já moram em Itanhenga.

Um outro erro apontado pelos técnicos foi a forma como se procedeu e está se procedendo para a distribuição dos lotes. Não se sabe por que razões duas equipes atuam neste trabalho. Uma equipe é formada por funcionários da Secretaria de Bem-Estar Social, que fazem o cadastramento das famílias. Após uma avaliação, esta família recebe o lote, caso se enquadre dentro das exigências para tal. A entrega do lote é feita mediante também entrega da documentação de posse da área. A outra equipe é formada por pessoas que integram a Associação de Moradores ou não. Esta equipe, ao entregar o lote, não faz qualquer tipo de levantamento ou cadastramento das famílias, bem como não entrega qualquer documento de posse da área doada. Um pedaço de papel com o número da quadra e com o número do lote é entregue ao chefe da família e nada mais.

Segundo técnicos da Secretaria, não há distinção entre os lotes entregues pela equipe da Secretaria e os lotes entregues por membros da Comissão de Moradores. De acordo com esses técnicos, a Secretaria de Bem-Estar agiu assim para agilizar o processo de distribuição de lotes, já que somente com a equipe da Sebs tal processo seria mais lento. O que os técnicos se perguntam é como será oficializada a posse dos lotes entregues, sem qualquer documentação, às famílias desabrigadas, por membros da Comissão de Moradores. Houve, na realidade, de acordo com os técnicos, ingerências de ordem política, no sentido de entregar os lotes o mais rápido possível.

E o que se pode ver em Itanhenga são pessoas totalmente alheias ao Programa atuando na distribuição de lotes aos desabrigados. A presença, por

exemplo, do sargento Carioca na área é uma constante. Ele é visto sempre cercado de famílias que chegam ao local à procura de um lote para morar. Para quem não sabe, o sargento Carioca sempre atuou como cabo eleitoral dos partidos de situação após 1964. A presença de Carioca, segundo técnicos da Secretaria, é um exemplo de que alguma coisa está errada no Programa. O correto, segundo tais técnicos, seria que somente pessoas ligadas ao Profades estivessem atuando na distribuição dos lotes, impedindo, portanto, a ação de especuladores e daqueles que só vivem se aproveitando da miséria alheia.

Para justificar tal posicionamento, os técnicos da Secretaria de Bem-Estar Social mostram exemplos. O primeiro e mais importante deles é o seguinte: as famílias que ocuparam as primeiras fases da etapa entregue no dia 20 de fevereiro são as mais carentes e, por isso, foram as beneficiadas. Isso se deu após um minucioso levantamento das famílias cadastradas. Tais famílias tiveram a preferência. O mesmo, contudo, não se deu com a distribuição dos lotes por membros da Comissão de Moradores e pessoas afins. Aí não houve cadastramento. Quem melhor argumentava, ou tinha melhor relacionamento com os membros da Comissão, levava um lote. Isso é facilmente constatado. Pessoas mais necessitadas ainda esperam lotes na primeira etapa, ou então para a segunda, que será desenvolvida já no Governo Gerson Camata; se assim a sua equipe de Governo entender.

O erro, segundo os técnicos da Secretaria, reside no fato de a Comissão de Moradores não ter critérios concretos para a distribuição dos lotes. Tal equipe, de acordo com os técnicos, poderia auxiliar no trabalho, mas observando-se critérios, o que não vem acontecendo e que poderá gerar futuros problemas em Itanhenga.

A corrida a Itanhenga, como pode ser chamado o que vem sendo observado naquele bairro, é outro problema. A divulgação da entrega de lotes fez com que inúmeras famílias se deslocassem de todas as partes do Estado e de fora dele na expectativa da obtenção de um pedaço de terra para morar, sem precisar pagar nada. Diariamente chegam ao local famílias trazendo apenas os

pertences pessoais. Poucas são aquelas que trazem consigo móveis e utensílios domésticos. Elas vêm atraídas pelas notícias de entrega de lotes pelo Governo do Estado, gerando, consequentemente, a migração interna e a inchação da área da Grande Vitória que nos últimos anos recebeu um grande contingente de pessoas vindas principalmente do interior do Espírito Santo.

A grande maioria das famílias que hoje já habitam Itanhenga vivem do subemprego. Raras são aquelas que possuem um trabalho fixo com Carteira de Trabalho assinada. A maioria sobrevive de biscates, com vendedores ambulantes pelas ruas da cidade, ou então procuram, através de pequeno comércio sobreviver dentro de Itanhenga mesmo, instalando ali pequenas mercearias, com produtos básicos ou então botequins. Assim não é difícil encontrar o chefe de uma dessas famílias vendendo cachaça numa rudimentar birosca de madeira e os filhos circulando pelas ruas do bairro vendendo picolés e refrigerantes em vasilhames de plástico. É a sobrevivência.

Aqueles poucos que vivem de um emprego fixo fora do bairro, tendo, inclusive, horário para chegada ao local de trabalho, sofrem um pouco mais. Embora localizado em Cariacica, Itanhenga é próximo ao município da Serra, sobretudo da região de Carapina, facilmente alcançada através da rodovia do contorno da Grande Vitória. Entretanto, as linhas de ônibus que já servem ao bairro fazem o trajeto inverso, ou seja, vêm para Vitória passando por vários bairros de Cariacica, até atingir a segunda ponte.

Se o morador de Itanhenga trabalhar na zona norte de Vitória, ou mesmo em Carapina, terá que levantar pela madrugada e fazer uma viagem de ônibus que pode durar até uma hora e meia, no mínimo, quando não tiver que se utilizar de duas ou mais conduções para chegar até o seu local de trabalho. Alguns moradores de Itanhenga já reivindicam a colocação de uma linha de ônibus que faça a ligação entre o bairro-Carapina e a Zona Norte de Vitória, como forma de diminuir o percurso e os custos com o transporte coletivo.

Nota-se também dois tipos de comportamentos distintos entre os moradores de Itanhenga.

o comportamento daqueles que já habitavam a região da Grande Vitória, portanto já habituados com certos benefícios da cidade, e o comportamento daqueles que viviam em regiões do interior do Espírito Santo. Tal diferença no comportamento se caracteriza pela exigência que o primeiro grupamento faz e que o segundo deixa de fazê-lo.

Enquanto os moradores que vieram da área da Grande Vitória já exigem melhores condições de transporte coletivo, água encanada em todos os lotes, energia elétrica para as casas e não somente em termos de iluminação pública, enfim melhores condições para que o local possa ser habitado, os moradores oriundos do interior do Estado são mais modestos. De acordo com os técnicos da Secretaria de Bem-Estar Social, isso é perfeitamente compreensível. Os primeiros já tinham semelhantes serviços nos locais onde residiram anteriormente e agora também querem tais melhoramentos no bairro. Já os outros nunca tiveram e portanto não sentem falta deles.

Uma família vinda do interior não reclama, por exemplo, de ter que andar um quilômetro para apanhar água, pois já fazia isso no interior. O mesmo não se dá com uma mulher que, em sua casa anterior a Itanhenga, tinha pelo menos água encanada, fosse ela de poço, ou da própria Cesan. Há, portanto, um comportamento acomodado à atual situação por parte das famílias vindas do interior e um comportamento mais exigente daqueles que moravam na periferia da Grande Vitória.

Com exigências ou não, o certo é que a perspectiva da casa própria é mais forte e supera a tudo. Para a grande maioria das famílias que já habitam Itanhenga, o importante é ter um pedaço de terra para morar sem ter a preocupação de pagar uma prestação ou um aluguel. Esgoto, água encanada, energia elétrica, ruas calçadas, transporte coletivo, posto de saúde com médicos e outros serviços, para essas famílias que pouco ou nada tiveram em suas vidas, são até mesmo considerados supérfluos. Resta saber o que será do Profades em Itanhenga, quando 10 mil famílias, ou seja, mais de 50 mil pessoas, estiverem residindo ali. Problemas, certamente, não faltarão, caso não sejam promovidas melhorias no bairro.

O que importa é não pagar aluguel

“Aqui pelo menos eu não preciso pagar prestação de casa ou aluguel”. Esta é, sem dúvida alguma, a frase mais ouvida entre as famílias que habitam hoje Itanhenga, em Cariacica, beneficiadas pelo Programa Emergencial para Famílias Desabrigadas — Profades. Para elas, o que importa mesmo é ter um chão para morar, independente do fato de a casa ser de barro ou de lajota; ter esgoto ou não; água encanada, água de poço ou se ter que andar bastante para obter uma lata d’água e outros serviços.

Morando desde o dia 22 de fevereiro num dos cinco mil lotes de Itanhenga, Alaídes de Oliveira Matias, 31 anos, se mostra satisfeito. No seu lote com 9 metros de frente por 20 de fundo, ele já tem uma pequena casa para morar junto com a mulher e quatro filhos e uma pequena mercearia que atende aos moradores mais próximos.

— Vim para cá pois achei que era melhor. Antes, morava em Bela Aurora junto com a sogra. Mas a gente brigava muito e eu resolvi sair dali. Aqui pelo menos não pago aluguel e tenho um pouco de sossego, diz Alaídes, acrescentando que conseguiu o seu lote de terceiro. “O primeiro dono não pôde construir e então passou o lote para mim, que já fiz tudo isso”, diz apontando para a modesta mercearia e para a ainda mais modesta habitação de madeira.

Menos sorte teve Maria Auxiliadora. O lote não é seu, mas sim do seu filho. Ela está ali apenas porque não tem onde morar e porque o filho passa praticamente o dia todo fora trabalhando como vendedor ambulante. "Antes a gente tinha onde morar. Nós já estivemos no Sossego, no Cantinho do Céu e em outras invasões. Sabe como é, a gente é pobre, não pode pagar aluguel e o que meu filho ganha não dá para comprar uma casa da Cohab. A solução foi vir para cá". O que pode ser chamado de casa de dona Maria Auxiliadora é um pequeno barraco, feito de barro, com apenas dois cômodos, divididos por uma cortina de plástico. De um lado fica o que poderia ser chamado de cozinha e do outro ao mesmo tempo sala e quarto de dormir, onde passam a noite nada menos do que cinco pessoas, dentre elas três crianças. A cobertura do pequeno casebre é feita com folhagens e não há um banheiro. "As necessidades a gente faz por aí, enquanto não fazemos uma fossa e um pequeno banheiro. Água a gente busca na torneira pública. O jeito é esperar a ligação da Cesan, que já foi prometida".

Ao lado daqueles que já se instalaram no novo bairro, estão também os que chegam ao local na esperança de um pedaço de terra. Natural do Sul da Bahia, Santos Oliveira Nascimento chegou pela primeira vez a Itanhenga no dia 28 de fevereiro passado, trazendo apenas uma maleta com roupas e alguns objetos pessoais. "A minha família ficou lá na Bahia enquanto eu vim para ver se consigo um lote e algum trabalho em alguma construção civil". Ele ficou sabendo da distribuição dos lotes através de parentes, que por sua vez tiveram a informação através dos meios de comunicação. "Tá difícil de se conseguir um lote, mas eu vou continuar tentando. Só vou embora se não tiver jeito mesmo. Mas, na primeira oportunidade, volto. Na Bahia não tenho mais onde morar. O trabalho está difícil. O jeito é tentar alguma coisa por aqui. Deus vai me ajudar", afirma Santos.